



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA
DO MAR**

ALINE DA SILVA CRUZ

**ESG, mudanças climáticas e novos paradigmas para os
negócios e consumo**

SANTOS


2022

ALINE DA SILVA CRUZ

**ESG, mudanças climáticas e novos paradigmas para os
negócios e consumo**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Federal de
São Paulo como parte dos requisitos para
obtenção do título de Bacharel
Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia do
Mar, sob a orientação do Prof. Dr. Rodrigo
Fernandes More.

Revisado em: 02/12/2022



Prof. Dr. Rodrigo Fernandes More

Santos

2022

Ficha catalográfica elaborada por sistema automatizado
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

C957ee Cruz, Aline da Silva.
ESG, mudanças climáticas e novos paradigmas para os negócios e consumo. / Aline da Silva Cruz; Orientador Rodrigo Fernandes More. -- Santos, 2022. 27 p. ; 30cm

TCC (Graduação - Bacharelado Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia do Mar) -- Instituto do Mar, Universidade Federal de São Paulo, 2022.

1. ESG. 2. Mudanças climáticas. 3. Sustentabilidade. 4. Greenwashing. 5. Gases de efeito estufa. I. More, Rodrigo Fernandes, Orient. II. Título.

CDD 551.46

Dedico este trabalho à Mãe Natureza e à sociedade que, graças aos recursos que proporcionam, permitiram essa contribuição na busca por soluções de alguns dos seus atuais desafios.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Noeme e Antonio, por sempre me apoiarem nas minhas escolhas e me incentivarem na busca por minhas conquistas. Muito obrigada por estarem sempre ao meu lado, junto com a Nina, com muito amor.

Aos professores, pela dedicação que tiveram, especialmente nos anos mais difíceis da pandemia, fazendo o possível e o impossível para garantir nosso aprendizado, dando seu melhor, colaborando para minimizar as dificuldades ocasionadas pelo ensino remoto.

Aos colegas, com os quais aprendi, troquei experiências e apoio nas dificuldades e nos momentos mais duros que cada um enfrentou ao longo dessa jornada. Sucesso em seus destinos!

Aos colegas da IMar Júnior, obrigada pela oportunidade de desenvolver novas habilidades ao lado de pessoas tão dedicadas e tão cheias de entusiasmo! Conquistamos coisas incríveis nos dois anos que estivemos juntos. Voa, IMar Júnior, o sucesso de todos é garantido!

Aos meus amigos e colegas de trabalho que acompanharam essa parte de minha trajetória, a todos que, de algum modo, compreenderam e me ajudaram para que eu pudesse concluir essa etapa.

À UNIFESP por mais essa oportunidade de vivenciar a universidade pública e desfrutar novamente de um ensino público e de qualidade.

Sou grata.

RESUMO

Desde a Revolução Industrial, as atividades humanas se intensificaram e trouxeram inúmeras implicações, que culminaram nas mudanças climáticas, devido, principalmente, ao aumento das emissões de gases de efeito estufa (GEE). Para mitigar tais efeitos e garantir que as futuras gerações tenham acesso aos recursos essenciais para sua sobrevivência, cunhou-se o chamado “desenvolvimento sustentável”, por meio do qual diversos acordos internacionais propuseram metas de redução de danos. Devido à dificuldade de se adequar às reduções, as metas tem sido constantemente revistas e adiadas. A partir do surgimento do acrônimo ESG – *Environmental, Social and Governance* –, uma grande movimentação no mercado financeiro se iniciou trazendo investimentos às empresas que se comprometem com as questões dos impactos ambientais e sociais que ocasionam, além da transparência e gestão anticorrupção. No entanto, inúmeras empresas têm apresentado dificuldades em implantar as práticas ESG, o que tem resultado em relatórios com dados criticamente omissos, que destacam apenas os pontos positivos e que muitas vezes não contemplam os três princípios, incorrendo no chamado *greenwashing*. O setor da indústria de petróleo e gás, um dos maiores contribuintes das emissões de GEE e, conseqüentemente, das mudanças climáticas, tem, portanto, um grande desafio de adequação ao ESG, especialmente com relação ao E. Dentre as metas propostas nos acordos, a transição energética para fontes renováveis em detrimento das oriundas de combustíveis fósseis, compromete, a longo prazo, a atuação do setor, que necessita investir também nessa diversificação, além da compensação das suas atividades. Assim sendo, o presente trabalho tem por objetivo compreender melhor o ESG e analisar estudos de casos de sucesso de diferentes empresas que adotam tais práticas, além de propor possíveis meios de adequação ao ESG.

Palavras-chave: ESG. Mudanças climáticas. Sustentabilidade. *Greenwashing*. GEE.

Sumário

| | |
|--|-----------|
| 1. INTRODUÇÃO | 6 |
| 2. JUSTIFICATIVA | 9 |
| 3. OBJETIVOS | 10 |
| 4. MATERIAL E MÉTODOS | 10 |
| 5. REFERENCIAL TEÓRICO | 10 |
| 5.1. ESG: O QUE É, ONDE E COMO SURTIU..... | 10 |
| 6. ESTUDOS DE CASO | 14 |
| 6.1. ESG NO MUNDO | 14 |
| 6.2. ESG NO BRASIL | 14 |
| 6.3. NATURA &CO – SUSTENTABILIDADE NO DNA DA EMPRESA..... | 15 |
| 6.4. DANONE BRASIL – “ONE PLANET, ONE HEALTH” | 16 |
| 6.5. TOTALÉNERGIES SE – TRANSFORMAR PARA REINVENTAR A ENERGIA | 18 |
| 7. O IMPACTO DO ESG SOBRE OS DIFERENTES <i>STAKEHOLDERS</i> | 18 |
| 7.1. PERCEÇÃO DE VALOR DAS EMPRESAS SOB A ÓTICA DO MERCADO | 19 |
| 7.2. PERCEÇÃO DE VALOR DAS EMPRESAS SOB A ÓTICA DO CONSUMIDOR..... | 21 |
| 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 22 |
| 10. REFERÊNCIAS | 24 |

1. INTRODUÇÃO

Após anos de desenvolvimento e evolução tecnológica, desde a Revolução Industrial no século XVIII, as atividades humanas se intensificaram e trouxeram consigo inúmeras implicações, algumas delas muito favoráveis e outras preocupantes. Dentre elas, vale destacar os avanços importantes na produção de alimentos e na medicina, que permitiram o aumento da longevidade e da qualidade de vida, proporcionando o aumento exponencial da população humana (Fig. 1), que já atingiu 8 bilhões de pessoas (ONU NEWS, 2022). Por conseguinte, o atendimento à crescente demanda das necessidades humanas ocasionou vasta degradação ambiental (Fig. 2) devido à intensidade da exploração de recursos (Fig. 3) e geração de resíduos, que vêm comprovadamente desencadeando eventos climáticos extremos, resultantes dessas alterações em tão curto período de tempo.

Tais alterações são tão expressivas que, desde os anos de 1980, diversos pesquisadores passaram a atribuir o termo “Antropoceno” para a atual era geológica, devido às proporções das transformações do planeta causadas pelas atividades humanas (ARTAXO, 2014). Ao mesmo tempo, as preocupações com o rumo de tais mudanças e o futuro da própria humanidade mobilizaram a sociedade civil, autoridades de diversas nações e organizações mundiais, como a Organização das Nações Unidas (ONU), para discutirem e elaborarem metas e acordos entre os países a fim de mitigarem os efeitos socioambientais danosos.

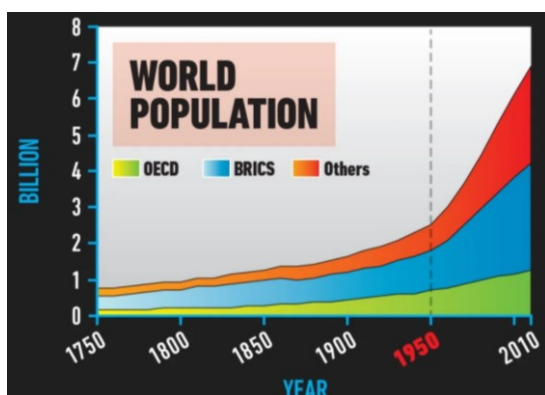


Figura 1: Aumento da população ao longo dos anos. Adaptado de IGBP, 2015.

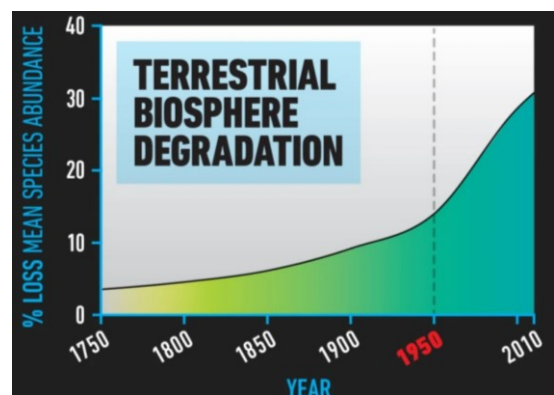


Figura 2: Aumento da degradação da biosfera terrestre. Adaptado de IGBP, 2015.

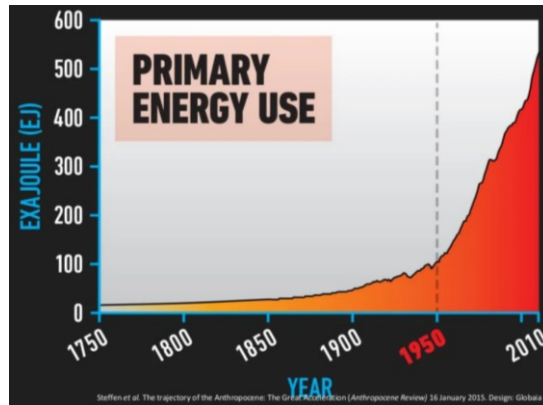


Figura 3: Aumento da demanda por energia primária (incluindo combustíveis fósseis). Adaptado de IGBP, 2015.

Na mesma época, surgiu o conceito de “desenvolvimento sustentável” e a ideia de que o desenvolvimento deve continuar e atender às necessidades atuais, sem comprometer os recursos e a garantia de atendimento das necessidades das gerações futuras (MORETTO; GIACCHINI, 2006). A partir de então, ocorreu a elaboração da Agenda 21 Global, e, na sequência, sua apresentação e discussão na Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento em 1992, conhecida como ECO 92. Nela, os países signatários se comprometeram a reduzir grande parte dos problemas socioambientais, por meio do planejamento de sociedades sustentáveis (MMA, 2022a).

Dois anos depois, em 1994, o economista consultor britânico John Elkington sagrou-se como “pai da sustentabilidade”, a partir da publicação do seu artigo “Towards the Sustainable Corporation: Win-Win-Win Business Strategies for Sustainable Development” (em tradução livre, Rumo à Corporação Sustentável: Estratégias de Negócios Ganha-Ganha-Ganha para o Desenvolvimento Sustentável). Nele, cunhou o termo “Triple Bottom Line” (Tripé da Sustentabilidade), que seria fundamental para cumprir a necessidade de medir os impactos ambientais e sociais das empresas (PINTO, 2021).

Após o marco da Agenda 21, teve destaque o Protocolo de Kyoto em 1997 e a proposição dos chamados créditos de carbono, em que os países industrializados se comprometeram com a redução da emissão de gases de efeito estufa (GEE), principalmente gás carbônico (CO₂), ou da compra desses créditos dos países em desenvolvimento e com baixa emissão de gases. Este acordo passou por uma revisão e foi substituído pelo Acordo de Paris, em 2015, que abrange o compromisso de redução da emissão de GEE e das mudanças climáticas, visando a meta de não ultrapassar o aumento de 2°C na temperatura média do planeta (BERNAL, 2021; MMA, 2022b).

Desse modo, atingir tais metas tornou-se um grande desafio, uma vez que se baseiam, em grande parte, na redução da produção e do consumo, o que afeta diretamente, em curto prazo, as metas econômicas de crescimento e desenvolvimento atualmente praticadas. Ao mesmo tempo, embora a qualidade de vida humana tenha melhorado com as tecnologias, a distribuição de recursos não foi igualitária e as disparidades sociais se acirraram ainda mais (BERNAL, 2021; RANSOM, 2021).

Nesse sentido, na busca por abranger as mudanças socioambientais, foram propostos os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM) na Cúpula do Milênio das Nações Unidas, no ano de 2000 em Nova Iorque, que mais tarde se tornaram os 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável da ONU (ODS) (Fig. 4), durante a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável em 2012, conhecida como RIO +20. Os ODS fazem parte da nova Agenda 2030. Também em 2000, a ONU propôs o chamado Pacto Global, com a finalidade de alinhar as empresas em suas estratégias rumo ao desenvolvimento sustentável a partir de 10 princípios universais, agrupados nas áreas de Direitos Humanos e do Trabalho, Meio Ambiente e Anticorrupção (Fig. 5), associados automaticamente aos ODS (BERNAL, 2021; ONU, 2021).



Figura 4: Os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU. Fonte: Nações Unidas Brasil.



Figura 5: Os 10 princípios universais do Pacto Global. Fonte: Copel Energia.

Considerando todas essas propostas, ficou evidente que a adaptação do mercado e da população são fundamentais para que as metas sejam atingidas. Nesse contexto, em 2004, um relatório do Pacto Global, elaborado pela *International Financial Corporation (IFC)* do Banco Mundial, intitulado “*Who cares wins*”, lançou, pela primeira vez, o termo ESG – *Environmental, Social and Governance*, no qual o mercado financeiro demonstra a preocupação com a sustentabilidade, trazendo o incentivo financeiro para que as empresas integrem práticas ambientais, sociais e de governança, pois tais questões passam a ser consideradas nas análises de risco e nas decisões de investimentos. Essas práticas se baseiam nos dez princípios do Pacto Global e nos ODS, em conformidade com a atuação da empresa.

2. JUSTIFICATIVA

Dada a grande importância do ESG no mercado atual e a necessidade de adequação das empresas a tais práticas, faz-se necessário compreender melhor de que modo essas mudanças podem ser otimizadas e implementadas por elas. Apesar da popularidade estar em rápido crescimento, há poucos estudos científicos que possibilitem análises mais contundentes e específicas para cada setor, estando, ainda, muito disseminado à aplicação no mercado financeiro.

Entender o que e como podem ser feitas as adequações no setor energético é fundamental, bem como a otimização das mitigações relacionadas a emissão de GEE pelas fontes de combustíveis fósseis, além da redução dos danos relacionados às fontes alternativas de energias renováveis, uma vez que se trata de um setor cuja produção está sendo diretamente afetada por conta das emergências climáticas. Identificar se as métricas existentes são

adequadas e se permitem medir, de fato, o ESG, a fim de permitir melhor equilíbrio entre as três áreas. Para isso, um levantamento das práticas já realizadas e estudos de caso podem contribuir para nortear a orientação desses índices, especialmente no Brasil, em que a abordagem do tema é muito recente e pouco estudada cientificamente, com poucas referências disponíveis.

3. OBJETIVOS

O objetivo do trabalho é fazer uma revisão bibliográfica sobre a influência do ESG no cenário atual dos negócios e do consumo, bem como as transformações desencadeadas para a mitigação dos danos associados às mudanças climáticas.

Especificamente, identificar os principais desafios de adaptação às práticas ESG, além de analisar três casos de sucesso.

4. MATERIAL E MÉTODOS

Para este trabalho, foi realizada uma revisão bibliográfica sobre o conceito de ESG, seu histórico e contextualização, baseada na abordagem integrativa, de modo a obter uma síntese holística do acrônimo (TORRACO, 2016). Em seguida, realizou-se um levantamento sobre o contexto do ESG no Brasil e de exemplos internacionais para estudos de caso que exemplifiquem desafios e soluções encontradas.

A pesquisa contou com o levantamento de referências de artigos científicos, trabalhos acadêmicos e periódicos de mídia especializada, nos mais diversos formatos.

5. REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico desse trabalho se fundamenta no conceito da sigla ESG e como ocorre a implementação das práticas que a define por parte das empresas, bem como as métricas existentes para a avaliação dessas ações pelos diferentes *stakeholders*, além da detecção do chamado *greenwashing* e como evitá-lo.

5.1. ESG: o que é, onde e como surgiu

Como visto anteriormente, a primeira menção ao termo ESG (ou ASG, em português, pouco utilizado) surgiu em 2004 no relatório do Pacto Global “*Who cares wins?*”, de modo

que *Ambiental, Social e Governança* representam um conjunto de práticas a serem adotadas pelas empresas com a finalidade de cumprirem os princípios do Pacto Global e atingirem os ODS conforme o setor de atuação de cada uma delas, buscando uma atuação mais sustentável.

Alguns exemplos de práticas ESG que cada termo da sigla contempla:

- E: *Environmental* (A, de ambiental) – mudanças climáticas e riscos relacionados, necessidade de redução de resíduos e de lançamento de resíduos tóxicos, aumento da pressão da sociedade civil por melhorias no desempenho, transparência e responsabilidade ambiental, e, mais recentemente, a proteção da biodiversidade (BERNAL, 2021; THE GLOBAL COMPACT, 2005);

- S: *Social* (S, de social) – melhorias das condições no ambiente de trabalho, justiça, respeito, privacidade, saúde e segurança, questões de direitos humanos e melhorias nas comunidades relacionadas, responsabilidade social na criação de políticas de igualdade de gênero, inclusão das minorias, capacitação das equipes (BERNAL, 2021; PEREIRA *et al.*, 2021; THE GLOBAL COMPACT, 2005);

- G: *Governance* (G, de governança) – ética e transparência dos resultados corporativos, gestão das questões de corrupção e suborno, gestão e conselho, *compliance*, diversidade e responsabilidade do conselho, remuneração executiva (BERNAL, 2021; PEREIRA *et al.*, 2021; THE GLOBAL COMPACT, 2005).

Desde a criação do Painel Intergovernamental para a Mudança de Clima (IPCC), em 1988, foram lançados cinco Relatórios de Avaliação contendo dados científicos relevantes e que contribuem para a realização das negociações internacionais acerca das mudanças climáticas (SANTOS, 2021). As questões ambientais, por serem discutidas há décadas e cujas previsões vêm se concretizando, são bem evidentes e pode-se dizer que impulsionaram a tendência ESG (REDE BRASIL DO PACTO GLOBAL; STILINGUE, 2021). Ao mesmo tempo, mudanças comportamentais da sociedade, que passa a se importar cada vez mais com a origem de seus bens de consumo e a exigir a responsabilidade das empresas com relação ao impacto de seus produtos, maior exposição de casos de fraudes e corrupção, bem como cobrança por justiça e punição aos envolvidos, são fatores que contribuem para que os diversos acordos já firmados sejam, enfim, colocados em prática (SANTOS; PAULA, 2021). O mercado financeiro começa a perceber a influência desse comportamento nas questões econômicas e os investidores passam a analisar os fatores de risco que influenciam seus investimentos. Sendo assim, para que as empresas obtenham investimentos, precisam se adequar a tais tendências e se tornarem mais sustentáveis.

Embora esses conceitos sejam claros, ainda é um assunto que se encontra mais difundido no mercado financeiro, enquanto as organizações ainda apresentam dificuldades em se adequarem de forma equilibrada (PALACIOS, 2021). Já está claro que ESG é fundamental e promove melhor performance financeira aos empreendimentos que adotam tais práticas, mas ainda há dificuldade em compreender como podem ser implementadas. As empresas que apresentam melhores índices ESG e retornos financeiros também possuem boas práticas de governança e isso contribui muito para seus bons desempenhos (BERNAL, 2021).

Apesar da apresentação do acrônimo ESG ter ocorrido em 2004, o tema vinha sendo discutido desde 2018 no Brasil, após o impulsionamento gerado nos Estados Unidos (EUA) com a eleição de Donald Trump (2016), devido, principalmente, ao discurso anti-ESG. O tema saltou em popularidade com a pandemia de covid-19, entre o final de 2019 e início de 2020, especialmente no Brasil. As mudanças impostas pelo novo cenário impactaram diretamente na economia mundial e as práticas ESG mostraram-se imprescindíveis para as empresas, além da influência do Fórum Econômico Mundial (Davos, Suíça), com o tema “Grupos de interesse para um mundo coeso e sustentável”, a carta anual aos CEOs (*Chief Executive Officer* – diretor executivo) de Larry Fink (CEO da BlackRock, maior gestora de investimentos do mundo), trazendo a sustentabilidade como o novo padrão de investimento da corporação, dentre outros acontecimentos, como o rompimento da barragem de rejeitos de minérios da Companhia Vale do Rio Doce (Vale) em Brumadinho (MG), o aumento das queimadas na Amazônia e o surgimento de manchas de óleo em praias do Nordeste brasileiro. (CERIONI, 2019; ESTADÃO BLUE STUDIO, 2022; FINK, 2020; INSTITUTO BRIDJE, 2020; REDE BRASIL DO PACTO GLOBAL; STILINGUE, 2021; REUTERS, 2020; SANTOS, 2021; SANTOS; PAULA, 2021; SIMÕES; BURNIER, 2021).

No mesmo ano de 2020, a B3 – Bolsa de Valores de São Paulo – criou o seu terceiro índice ESG, o indexador S&P/B3 ESG. Em 2005 surgia o primeiro deles, o ISE – Índice de Sustentabilidade Ambiental e, em 2010, o ICO2 – Índice Carbono Eficiente. É por meio desses índices que são realizadas as métricas de classificação das empresas quanto às práticas ESG mediante a apresentação de relatórios, com a finalidade de medir seus desempenhos (PEREIRA *et al.*, 2021). No entanto, essas métricas estão muito relacionadas ao mercado financeiro e atuam como guias de investimento, visando a maximização de lucros aos acionistas, que correspondem a apenas uma parcela dos *stakeholders* (partes interessadas). Nesse sentido, muitas críticas são levantadas sobre a eficácia das métricas de classificação, uma vez que são conhecidos muitos problemas nos relatórios de sustentabilidade relacionados ao chamado *greenwashing*, em que enaltecem os impactos positivos de seus projetos em detrimento e, até

mesmo, omissão de impactos negativos, visto que, para esses relatórios, a exigência é menos rigorosa em comparação aos relatórios financeiros (HINKS, 2020; RANSOM, 2021; SANTOS; PAULA, 2021).

Em 2006, nos Estados Unidos, a organização sem fins lucrativos B Lab criou o Movimento Global de Empresas B, com o objetivo de construir um novo modelo de economia cujo sucesso não seja apenas mensurado pelo êxito financeiro, mas também pelo impacto positivo no bem-estar da sociedade e no meio ambiente, bem como pela busca de soluções para os problemas socioambientais. O B vem de “benefícios” e, para adquirir a certificação, é necessário passar por um processo avaliativo bem criterioso, constituído por um questionário e consulta a documentos comprobatórios, todo acompanhado por um membro da equipe do B Lab. Em 2011 foi criado o Sistema B Internacional que passou a acompanhar o desenvolvimento na América Latina, e, em 2013, o Sistema B Brasil. Atualmente, cerca de 4500 empresas em todo o mundo possuem a certificação, sendo aproximadamente 200 delas no Brasil (ECYCLE, 2022; SISTEMA B BRASIL, 2022).

E diante disso, a indústria de petróleo se encontra no centro das discussões, visto que grande parcela das mudanças climáticas são oriundas dessa atividade, a qual deve ser drasticamente reduzida para atingir as metas propostas nos acordos internacionais de mitigação, pois são responsáveis pela grande concentração de GEE lançados na atmosfera. Para atingir as metas de redução de emissão de GEE, muito se tem investido no desenvolvimento e implantação de fontes alternativas de energia renovável, como hidrelétricas, eólica e solar, por exemplo. Apesar do desenvolvimento dessas fontes também emitirem GEE em sua cadeia produtiva, comparativamente às fontes de energia de origem fóssil (não renovável), a quantidade é muito menor e compensada em pouco tempo de operação. O destaque é que elas praticamente não emitem GEE durante a operação, o que é fundamental para a contenção do aumento da temperatura média do planeta. Sendo assim, cabe à indústria de petróleo e gás investir em neutralização e compensação das emissões, uma vez que não há como evitar ou reduzir drasticamente a emissão de GEE em sua atividade, pois são seus resíduos diretos. Este é o primeiro desafio desse tipo de empreendimento em adotar as práticas ESG (PALACIOS; HON, 2021; RANSOM, 2021).

Além dos GEE, a problemática dos resíduos plásticos e microplásticos, bem como a acidificação dos oceanos, são consequências dessa atividade que atingiram situações de extrema urgência e necessitam de soluções na mesma medida. Como investir na adoção de práticas ESG? Qual deverá ser o impacto da adoção do ESG para os diferentes setores? O que já tem sido feito para continuar a receber investimentos?

6. ESTUDOS DE CASO

6.1. ESG no Mundo

No mundo, ESG é um assunto presente há mais tempo no cotidiano das empresas e já se encontra em outro patamar de avaliação, comparado ao Brasil. No entanto, não significa que os desafios que envolvem as métricas utilizadas para o ranqueamento das empresas esteja solucionado. O que se pode dizer é que as práticas ESG no mercado europeu são mais exigentes e estão um pouco mais à frente em termos de aplicação e de combate ao *greenwashing*, que ainda persiste. Outros índices são propostos considerando maior robustez e especificidade, como é o caso do *EU Taxonomy* (EUROPEAN COMMISSION, 2022), que entrou em vigor em 2020 estabelecendo quatro condições gerais para que uma atividade econômica seja considerada ambientalmente sustentável, a partir dos seguintes objetivos:

1. Atenuação das alterações climáticas
2. Adaptação às alterações climáticas
3. Utilização sustentável e proteção dos recursos hídricos e marinhos
4. Transição para uma economia circular
5. Prevenção e controle da poluição
6. Proteção e restauração da biodiversidade e dos ecossistemas

Desse modo, empresas que desejam atuar na União Europeia precisam se adequar aos novos padrões que serão fiscalizados por agências reguladoras, como por exemplo a General Data Protection Regulation – GDPR (NEOWAY, 2022).

Todas essas exigências se baseiam na previsão de que as mudanças climáticas podem gerar um prejuízo financeiro mundial da ordem de US\$ 7,9 trilhões até 2050, de acordo com estudo realizado em 2019 pela empresa britânica *Economist Intelligence Unit* (EIU), que considerou as 82 maiores economias mundiais. No mesmo estudo, foi relatado que os países em desenvolvimento serão mais afetados por esse prejuízo, uma vez que os países mais ricos são mais resistentes e têm maiores condições de enfrentar os impactos negativos provocados pelas mudanças climáticas (CURY, 2019; NEOWAY, 2022).

6.2. ESG no Brasil

No Brasil, o ESG teve impulso durante a pandemia da covid-19, sendo o tema Ambiental o que mais se destacou, especialmente devido à situação da Amazônia, que teve relato de aumento no desmatamento, queimadas e perda de biodiversidade, trazendo um foco de atenção mundial para o bioma (REDE BRASIL...; STILINGUE, 2021).

Em seguida, a pauta Social ocupou a segunda posição nas pesquisas e assuntos comentados, especialmente nos assuntos relacionados à “inclusão social” e “Direitos Humanos”. E a Governança figurou em terceiro lugar nas menções relacionadas à corrupção, especialmente em casos em voga à época, relacionados à Petrobras e a chamada “Operação Lava-Jato”, além da situação envolvendo a Companhia Vale do Rio Doce e as investigações sobre o rompimento da barragem de rejeitos de minérios em Brumadinho, MG (REDE BRASIL...; STILINGUE, 2021).

Embora coincidam, os temas abordados não estavam relacionados ao ESG em si, o que passou a vigorar com força em 2020, impulsionado, principalmente pelos veículos de comunicação e produtores de conteúdo digitais. Nesse momento, com o agravamento da pandemia, outros assuntos passam a integrar os temas, como a questão da reciclagem, redução da emissão de GEE, uso consciente de recursos hídricos na parte Ambiental, o apoio às políticas de equidade de gênero, apoio emergencial à covid-19 e às comunidades do entorno, e em menor grau às políticas de equidade racial e LGBTQIAP+ na parte Social, criação de mecanismos internos de *compliance* e comitês para a parte de Governança (REDE BRASIL...; STILINGUE, 2021).

Além disso, fundos de investimentos passam a considerar os critérios ESG em maior grau e as empresas passam a se atentar ao fato e dão mais ênfase à implementação de tais práticas (NEOWAY, 2022; REDE BRASIL...; STILINGUE, 2021).

6.3. Natura &Co – sustentabilidade no DNA da empresa

A Natura &Co, companhia do ramo de cosméticos, constitui-se no grupo de maior referência em ESG no Brasil e também no mundo. É também a maior companhia do mundo e de capital aberto a possuir certificação de Empresa B, obtendo-a pela terceira vez em 2020. Fundada em 1969, a empresa Natura foi uma das primeiras a incorporar a sustentabilidade no seu modelo de negócios, sendo reconhecida pela venda direta, circularidade de embalagens a partir da adoção de refis e materiais recicláveis ou biodegradáveis, circularidade das fórmulas produzidas a partir de materiais biodegradáveis, naturais ou renováveis, linha 90% vegana, comprometida com a defesa da Floresta Amazônica, conselho composto por cerca de 30% de mulheres. Na percepção do consumidor, também é a empresa que mais se destaca pelas práticas ESG. Hoje, a companhia é composta por mais outras três marcas, Avon, Aesop e The Body Shop (MARQUES, 2022; NATURA &CO, 2021).

Apesar de todo o histórico e da forte associação ao ESG, a companhia também enfrenta desafios para manter e aprimorar suas práticas. A Natura &Co ampliou muito sua área de

atuação em pouco tempo, passando de uma atuação primordialmente nacional para mais de 100 países após a aquisição das novas marcas, principalmente a Avon. Consequentemente, o número de colaboradores também ampliou e o grande desafio está em se manter como uma companhia carbono-neutra (MARQUES, 2022; NATURA &CO, 2021).

6.4. Danone Brasil – “One Planet, One Health”

Multinacional líder em alimentos e bebidas, a empresa Danone S.A surgiu em 1919 em Barcelona, Espanha, a partir da criação do iogurte. Atualmente, sua sede está baseada em Paris, França, constitui-se em uma empresa de capital aberto, listada na Euronext Paris (bolsa de valores francesa) e a primeira a adotar o modelo “Empresa orientada à Missão”, criado por uma lei francesa em 2019, no qual define como uma companhia que tem seus objetivos sociais e ambientais alinhados com sua missão e instituídos em seu estatuto.

A Danone Brasil iniciou suas atividades no país em 1970, na cidade de Poços de Caldas (MG). É uma empresa de capital fechado e em 2021 tornou-se a primeira grande indústria de alimentos do Brasil a receber a certificação de Empresa B. Desde o lançamento dos ODS em 2015, a Danone se uniu à Rede Brasil do Pacto Global da ONU e definiu nove objetivos de negócios integrados aos ODS (Fig. 6). Com a missão de “levar saúde por meio da alimentação ao maior número de pessoas possível” e a visão “One Planet, One Health” (em tradução livre, “Um Planeta, Uma Saúde”), acreditam que a saúde das pessoas e do planeta estão interconectadas, estimulando a população a adquirir hábitos alimentares e de consumo mais saudáveis e sustentáveis (DANONE BRASIL, 2014; 2021; FILIPPE, 2022).

Para atingir os objetivos propostos, definiram algumas metas, como:

- **Circularidade:** oferecer um produto com embalagem composta 100% de PET reciclado (atingida em 2021, com as garrafas PET Bonafont, utilizando 100% de energia renovável em sua produção) e atingir 100% das embalagens circulares, recicláveis, retornáveis e compostáveis até 2025;
- **Clima – energia:** atingir 100% de energia renovável em sua produção até 2030, além de reduzir o consumo e aumentar a eficiência energética de seus equipamentos, processos e operações de fábrica;



Figura 6: Os nove objetivos da Danone integrados aos 17 ODS. Fonte: Relatório de Sustentabilidade da Danone – 2021.

- Clima – carbono: redução de 50% no escopo completo em intensidade até 2030 e, até 2050, atingir zero emissões líquidas de carbono (*net zero*), em toda a cadeia de valor – desde as fazendas de onde adquirem a matéria prima ao final do ciclo de vida de seus produtos, investindo na agricultura regenerativa a partir da integração pecuária-floresta (IPF). Atualmente, três fazendas já operam em IPF e pretendem atingir 38 fazendas até 2023;
- Desperdício de alimentos: reduzir em 50% as perdas de alimento nas operações e centros de distribuição, até 2050, além de atuar fortemente no trabalho de combate à fome e promoção de parcerias incentivando a doação de alimentos;
- Água: reduzir em 25% o uso total de água de irrigação, 50% da intensidade de consumo em todas as plantas localizadas em áreas de alta vulnerabilidade hídrica e atingir 100% de produção com estratégia colaborativa 3R (redução, reuso e reciclagem).

A partir do início da pandemia de covid-19, por meio da parceria Mesa Brasil, uma coalizão entre empresas e um Programa do SESC, a empresa doou quase dois milhões de refeições a pessoas em situação de vulnerabilidade e, em 2021, foram 170 mil kg de produtos doados a mais de 315 instituições (DANONE BRASIL, 2014; 2021; FILIPPE, 2022).

6.5. TotalEnergies SE – Transformar para reinventar a energia

Sediada na França, na cidade de Paris, a TotalEnergies é uma empresa com base na atividade petroquímica, desde 1924, abrangendo todas as etapas da cadeia produtiva dessa indústria, desde a exploração, produção, prospecção, refinamento, distribuição, *trading* e transporte marítimo, sendo uma das pioneiras do setor na Europa. Está presente em mais de 130 países, incluindo o Brasil, tendo se fundido a duas outras companhias europeias (Petrofina e Elf Aquitania) no final do século XX e se tornando a quarta maior petrolífera do mundo (TOTALENERGIES, 2022).

O nome TotalEnergies foi adotado em 2021, sinalizando a transição das atividades no setor energético com o objetivo de alcançar a neutralidade das emissões de carbono até 2050 devido, principalmente, às questões relacionadas às emergências climáticas. Sendo assim, as pretensões da companhia giram em torno do desenvolvimento de novas moléculas de energia, tais como biocombustíveis e biogás, hidrogênio limpo e combustíveis sintéticos a partir de hidrogênio e carbono, de modo a dar continuidade à sua cultura de pioneirismo, além da transição de combustíveis fósseis para eletricidade renovável (elétrons verdes), buscando se posicionar entre os cinco maiores produtores mundiais de energia eólica e solar do mundo até o ano de 2030 (TOTALENERGIES, 2022).

Segundo a TotalEnergies, suas estratégias estão voltadas ao desenvolvimento sustentável em todas as dimensões de atuação da companhia, alinhadas aos ODS e aplicando as práticas ESG, em que destaca valores como segurança, respeito pelo outro, tolerância zero no combate a fraudes e corrupção, assim como transparência no engajamento com a sociedade. Além disso, afirma seu compromisso com o bem-estar das pessoas, o cuidado com o meio ambiente, clima e energia sustentável, e também a criação de valor compartilhado (TOTALENERGIES, 2022).

7. O IMPACTO DO ESG SOBRE OS DIFERENTES *STAKEHOLDERS*

As diferentes partes interessadas, ou seja, os chamados *stakeholders*, são impactadas de diferentes modos, conforme a posição em que se encontram. O surgimento das preocupações no âmbito ambiental, que desencadearam os diversos acordos internacionais pelo desenvolvimento sustentável, trouxeram o apelo da garantia de recursos e bem-estar às futuras gerações, ao mesmo tempo em que, para incentivar os tomadores de decisão, um forte apelo econômico, projetado a longo prazo, foi crucial para que tais acordos atingissem a devida relevância em um cenário que privilegiava o desenvolvimento, especialmente na globalização

que se estabelecia na chamada Nova Ordem Mundial. Neste contexto, os principais *stakeholders* são as empresas, os investidores e os consumidores.

Os consumidores estão cada vez mais exigentes na busca por produtos e marcas que estejam alinhadas com seus valores. E como visto anteriormente, o acrônimo ESG sintetiza os três temas mais destacados na opinião pública, principalmente dos membros da geração Z (REDE BRASIL...; STILINGUE, 2021). Em uma pesquisa realizada com cerca de 14 mil consumidores de nove países, mais da metade considera muito relevante a sustentabilidade de uma marca, sendo capazes de mudar seu comportamento de compra com a finalidade de reduzir os impactos negativos ao meio ambiente, o que se intensificou após a pandemia (NEOWAY, 2022).

De outro lado, os investidores estão sempre atentos aos resultados das empresas, e aquelas que apresentam maior performance socioambiental e de governança corporativa têm apresentado melhores resultados financeiros. Muitos desses investidores pertencem às gerações *Millennial* e Z, que, assim como consumidores, levam as tendências ESG nas escolhas de seus investimentos. Os investimentos pautados nos critérios ESG já ultrapassam um terço de todos os ativos no mundo (REDE BRASIL...; STILINGUE, 2021).

Sabendo disso, as empresas precisam adequar seus produtos para seus consumidores e atender às expectativas dos investidores para atrair investimentos. Desse modo, torna-se imprescindível a adoção das práticas ESG para que atinjam suas metas de crescimento e aceitação no mercado.

A partir de então, veremos como ocorre a percepção de valor das empresas sob as óticas do mercado e do consumidor.

7.1. Percepção de valor das empresas sob a ótica do mercado

Nos últimos anos, com o aumento da relevância dos assuntos relacionados ao ESG, o perfil dos investidores seguiu acompanhando essa tendência. A chegada da chamada “Geração Y” (também conhecida como *Millennial*) trouxe a preocupação com os destinos dos seus investimentos, visando os benefícios que seus recursos podem proporcionar ao desenvolvimento de empresas e negócios que levem em consideração a sustentabilidade e retornem benefícios à comunidade, muito mais que somente a alta rentabilidade e o simples lucro pelo lucro. Esses fatores têm sido decisivos para que os investidores escolham onde aportar seus ativos financeiros (BRIQUET, 2021). Além disso, nos EUA, as *endowments* (grandes fundações e fundos filantrópicos), detentoras de um patrimônio de cerca de \$1 trilhão de dólares, precisam investir seus recursos em produtos financeiros que estejam de acordo com

suas missões voltadas a inclusão social e proteção ambiental. Algo semelhante existe também na Europa, relacionado aos fundos de pensão do governo, com patrimônio equivalente a mais de 70 trilhões de euros em ativos, que necessitam ser investidos em produtos financeiros sustentáveis (LOBACCARO, 2020).

No primeiro trimestre de 2020, os fundos de investimento com base em ESG atingiram a marca histórica de \$1 trilhão de dólares, sendo que os mercados da América Latina ainda eram pouco representativos nesse montante (GUILHERME, 2020). Até o primeiro semestre de 2021, os investimentos globais voltados à sustentabilidade atingiram cerca de \$30 trilhões de dólares. Isso corresponde a 10 vezes mais que os investimentos desse tipo desde o ano de 2004, quando o termo ESG foi inserido no mercado. A percepção de que a inserção das práticas ESG nos negócios melhora a sua performance e criação de valor a longo prazo contribuiu para esse aumento, além de relacionar o ESG a maiores retornos de patrimônio e aceitação, assim como redução de risco de perdas (HENISZ *et al.*, 2019). No Brasil, a procura por renda variável a partir de fundos de investimento se elevou no ano de 2020, com a pandemia de covid-19 e a queda histórica das taxas de juros, tendo os fundos “Sustentabilidade/Governança” atingido o patrimônio líquido de 1,07 bilhão de reais em fevereiro de 2021, o equivalente a quase o dobro do mesmo período no ano anterior (BRIQUET, 2021).

De acordo com a McKinsey & Company, empresa americana de consultoria empresarial, é possível relacionar as práticas ESG ao fluxo de caixa de uma empresa de cinco maneiras, resumidamente:

- 1) Facilita o crescimento de receita, pois ajuda as empresas a explorar novos mercados e a expandir os atuais;
- 2) Reduz custos, a partir da otimização no uso de matéria-prima, melhoria da eficiência energética, manutenção preventiva de equipamentos e prevenção de danos, por exemplo;
- 3) Minimiza intervenções regulatórias e legais, uma vez que apresentar uma proposta mais sólida confere mais liberdade à empresa e reduz as intervenções do governo sobre seu lucro;
- 4) Aumenta a produtividade dos funcionários, uma vez que funcionários satisfeitos com as retribuições da empresa reagem positivamente em sua atuação;
- 5) Otimiza investimento e gastos de capital, de modo que a empresa aporte seus investimentos em oportunidades mais promissoras e sustentáveis (como no caso de energias renováveis), a fim de evitar alocação de recursos em investimentos

estagnados que não gerem retornos a longo prazo (como tem sido percebido com as instabilidades nos investimentos em petróleo) (HENISZ *et al.*, 2019).

Ao se pensar o ESG sistematicamente, esses cinco fatores devem ser considerados independentemente do modelo de negócio ou da região que a empresa esteja localizada, dadas as devidas proporções em que cada um deles se destaca de acordo com a atividade que ela desempenha. O importante é que mesmo em diferentes graus, cada um deles possui alto potencial de criação de valor, o suficiente para não deixarem de ser explorados (HENISZ *et al.*, 2019).

7.2. Percepção de valor das empresas sob a ótica do consumidor

Inúmeras marcas mundialmente conhecidas, recentemente associadas ao emprego de mão de obra análoga à escravidão, trabalho infantil, casos de corrupção, lavagem de dinheiro, assédio, discriminação e racismo, têm sido alvo do chamado “cancelamento” nas redes sociais e isso influencia fortemente o comportamento de boicote por parte dos consumidores. O poder do consumidor se revela à medida que tais empresas precisam rever seus conceitos e processos a partir dessa mudança de paradigma, o que está atrelado ao ESG.

Assim como os investidores, os consumidores também passaram por mudanças em relação às suas escolhas. A pandemia de covid-19 influenciou fortemente sobre esse aspecto, como revelado pela pesquisa *Future Consumer Index* (FCI) realizada pela Ernst & Young (EY) em março de 2021, na qual apontou o aumento da preocupação das pessoas em consumir produtos social e ambientalmente sustentáveis. Essa mudança inclui, para 38% dos entrevistados, aceitar pagar mais caro por produtos originados de empresas que apresentem uma proposta de valor que entregue benefícios à sociedade (DUARTE, 2021).

No Brasil, a pesquisa *Global Positioning on Sustainability* (GPS) sobre a percepção dos brasileiros em relação ao ESG, realizada em 2022 pela Walk the Talk (WTT), revelou que 20% dos brasileiros boicotam marcas que não são responsáveis. E 94% espera que as empresas adotem o ESG, mas apenas 17% acredita que elas realmente façam algo. E isso se reflete no *ranking* das marcas em ESG (fig. 7), segundo a percepção da população brasileira (HELOISA, 2022).

A digitalização dos serviços permitiu maior autonomia nas escolhas dos consumidores, que não sofrem interferências do ambiente de compra (local do estabelecimento, posição do produto e influência do vendedor), o que leva a um consumo mais consciente na busca por informações e maior contato com a origem do produto, seu processo produtivo e destinação de seus resíduos ao término do seu ciclo de vida útil (DUARTE, 2021).



Figura 7: Ranking das marcas em ESG, segundo os consumidores brasileiros. Fonte: WTT.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, é possível perceber que o ESG é inevitável para a atuação e sobrevivência das empresas. Se por um lado, os investidores pressionam pela responsabilidade dos empreendimentos em troca de aporte de valores e retorno de lucro, por outro lado, os consumidores exigem que se cumpra aquilo que elas prometem e entreguem produtos sustentáveis, de modo que eles não compactuem com ações que não estejam de acordo. O ESG, que recentemente despontou seu auge, de acordo com a análise de especialistas no assunto, como Fábio Alperowitch em uma recente entrevista (ESTADÃO BLUE STUDIO, 2022), tem se aproximado de uma fase de descrédito por parte de alguns investidores, que começam a questionar, se, de fato, a adoção dessas práticas é realmente rentável e promissora, como apontaram estudos anteriores. Apesar de não ser uma regra, é importante lembrar que os retornos provenientes desse tipo de prática podem sim levar mais tempo que o pretendido sob a ótica do mercado e se a adoção da sustentabilidade não passar de um verdadeiro *greenwashing*, então dificilmente será mesmo condizente a atuação da empresa com a adoção das práticas ESG.

Os desafios de implementação de tais práticas são enormes, pois é notável que os objetivos do mercado, da maneira como se consolidou, em inúmeras situações, são confrontadas com as diretrizes da sustentabilidade. Na COP27, ocorrida no Egito em novembro de 2022, essa situação ficou bem clara, uma vez que pouco se avançou nos acordos sobre redução efetiva das emissões de GEE, especialmente por parte das atividades relacionadas ao setor de óleo e gás.

Para esse setor em questão, as mudanças são muito drásticas, pois implicaria em praticamente zerar a atividade, ocasionando uma crise global, já que o mundo ainda é muito dependente dos seus subprodutos, e mesmo com tantas alternativas, nenhuma foi capaz de se igualar, tampouco de superar a sua eficiência. Restaria a esse setor seguir o exemplo semelhante ao apresentado neste trabalho da TotalEnergies, de diversificar a atuação para as formas de produção de energia renováveis, mantendo o mínimo da atividade geradora de GEE.

A outra alternativa mais largamente aceita, refere-se à compensação de emissões, transmitindo a responsabilidade aos países em desenvolvimento e detentores das maiores áreas verdes do planeta, como no caso do Brasil com a Floresta Amazônica, para que mantenham e restaurem mais áreas verdes e possam comprar desses países os chamados créditos de carbono. Assim, evitam reduzir e perder em produtividade, mantendo suas metas econômicas e compensando sua emissão. O acordo mais relevante resultante da COP27 está relacionado à criação de um fundo para socorrer as nações mais pobres que serão (e muitas das quais já estão sendo) atingidas diretamente pelos efeitos drásticos das emergências climáticas.

Devido à alta rentabilidade que ainda possui, e dado o imediatismo das projeções econômicas, que não condizem com as projeções ambientais, por exemplo, seria ao menos interessante considerar o aumento da vida útil dos combustíveis fósseis, que são conhecidamente finitos e não renováveis, reduzindo sua utilização na substituição por recursos renováveis sempre que possível. O fato é que há décadas a ciência vem alertando sobre as consequências e apontando possíveis soluções, e por serem projeções aparentemente muito distantes, poucos realmente se sentiram na obrigação de mudar sua maneira de operação.

Nesse sentido, uma grande expectativa surge em torno da indústria automobilística que deverá deixar de produzir automóveis à combustão, dando lugar aos automóveis elétricos, em muitos lugares já a partir da próxima década, em 2030. É evidente que todas essas alternativas apresentam consequências, e neste caso, elevará o aumento da mineração para produção de baterias destes automóveis, por exemplo. Pesquisas que contribuam para a descoberta de maneiras mais eficientes e de otimização dos recursos, bem como da reutilização em maior escala a fim de reduzir os resíduos gerados e a necessidade de extração de matéria prima, são fundamentais para o sucesso dessas trocas.

Contudo, as transformações precisam ocorrer nesse exato momento, pois estamos muito próximos de uma situação ambientalmente irreversível. As mudanças estão sendo vivenciadas pontualmente, no entanto já é empiricamente perceptível que a frequência de eventos extremos tem sido maior. É fundamental considerar também a adoção das práticas ESG como políticas públicas norteadoras das nações como um todo para que, de fato, a sustentabilidade se cumpra.

10. REFERÊNCIAS

ARTAXO, P. Uma nova era geológica em nosso planeta: o Antropoceno? **Revista USP**, n. 103, p. 13-24, 2014.

BERNAL, P. S. M. Revisão do conhecimento sobre ESG e estudo empírico para verificação da criação de valor de ativos financeiros ESG no período de janeiro/2018 a junho/2021.

Universidade Presbiteriana Mackenzie. Disponível em:

<https://www.researchgate.net/publication/354294350_REVISAO_DO_CONHECIMENTO_SOBRE_ESG/stats>. Acesso em: 19 jan. 2022.

BRIQUET, Nataly. **Uma nova opção para os investidores**. 2021. In: A nova face dos negócios – O impacto do ESG no ambiente empresarial, no consumo e nas finanças. Veja. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/insights-list/a-nova-face-dos-negocios-o-impacto-do-esg-no-ambiente-empresarial-no-consumo-e-nas-financas/#uma-nova-opcao-para-os-investidores>>. Acesso em: 11 nov. 2022.

CERIONI, Clara. **Como óleo no Nordeste se transformou em desastre ambiental inédito no país**. 2019. Exame. Disponível em: <<https://exame.com/brasil/como-oleo-no-nordeste-se-transformou-em-desastre-ambiental-inedito-no-pais/>>. Acesso em: 22 nov. 2022.

CURY, M. E. **Mudanças climáticas devem gerar prejuízo de US\$ 7,9 trilhões até 2050**. 2019. Exame. Disponível em: <<https://exame.com/ciencia/aquecimento-global-deve-gerar-prejuizo-de-79-trilhoes-de-dolares-ate-2050/>>. Acesso em: 30 jun. 2022.

DANONE BRASIL (Brasil) (ed.). **Relato Danone Pacto Global**: Agosto de 2014. 2014.

Disponível em: <https://ungc-production.s3.us-west-2.amazonaws.com/attachments/cop_2014/104831/original/COP_Danone_Br_2013.pdf?1409347738>. Acesso em: 23 nov. 2022.

DANONE BRASIL (Brasil) (ed.). **Relatório de Sustentabilidade Danone Brasil 2021**.

2021. Disponível em: <<https://corporate.danone.com.br/relatorio-de-sustentabilidade-2021/>>. Acesso em: 23 nov. 2022.

DUARTE, Miguel. **A força do consumidor**. 2021. In: A nova face dos negócios – O impacto do ESG no ambiente empresarial, no consumo e nas finanças. Veja. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/insights-list/a-nova-face-dos-negocios-o-impacto-do-esg-no-ambiente-empresarial-no-consumo-e-nas-financas/#a-forca-do-consumidor>>. Acesso em: 11 nov. 2022.

ECYCLE. **Empresa B**: um sistema de negócio sustentável. Disponível em:

<<https://www.ecycle.com.br/empresa-b/>>. Acesso em: 05 ago. 2022.

ESTADÃO BLUE STUDIO (Brasil). O Estado de S. Paulo (ed.). **Discussão rasa afeta mundo ESG**. 2022. Disponível em:

<<https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,discussao-rasa-afeta-mundo-esg,70004158795>>. Acesso em: 20 nov. 2022.

EUROPEAN COMMISSION. **EU taxonomy for sustainable activities**: What the EU is doing to create an EU-wide classification system for sustainable activities. Disponível em: <

https://ec.europa.eu/info/business-economy-euro/banking-and-finance/sustainable-finance/eu-taxonomy-sustainable-activities_en>. Acesso em: 30 jun. 2022.

FILIPPE, Marina. **Danone mostra resultados e compromissos em relatório de sustentabilidade**. 2022. Exame. Disponível em: <<https://exame.com/esg/danone-mostra-resultados-e-compromissos-em-relatorio-de-sustentabilidade/>>. Acesso em: 23 nov. 2022.

FINK, L. D. **Uma mudança estrutural nas finanças**. 2020. BlackRock. Disponível em: <<https://www.blackrock.com/br/larry-fink-ceo-letter>>. Acesso em: 22 nov. 2022.

GUILHERME, G. **Indústria de fundos ESG chega a 1 trilhão de dólares**. 2020. Exame. Disponível em: <<https://exame.com/esg/industria-de-fundos-esg-chega-a-1-trilhao-de-dolares/>>. Acesso em: 01 dez. 2022.

HELOISA. **O poder do consumidor**. 2022. Walk the Talk. Disponível em: <<https://wearewalkthetalk.com.br/o-poder-do-consumidor/>>. Acesso em: 01 dez. 2022.

HENISZ, Witold; KOLLER, Tim; NUTTAL, Robin. **Five ways that ESG creates value**. 2019. McKinsey Quarterly. Disponível em: <https://www.mckinsey.com/capabilities/strategy-and-corporate-finance/our-insights/five-ways-that-esg-creates-value/pt-BR>. Acesso em: 27 nov. 2022

HINKS, G. Narrow sustainability reporting boundaries ‘can amount to greenwashing’. **Board Agenda**, 2020. Disponível em: <<https://boardagenda.com/2020/01/21/narrow-sustainability-reporting-boundaries-can-amount-to-greenwashing/>>. Acesso em: 27 jan. 2022.

IGBP – International Geosphere-Biosphere Programme. **Great Acceleration**. Disponível em: <<http://www.igbp.net/globalchange/greatacceleration.4.1b8ae20512db692f2a680001630.html>>. Acesso em: 20 jan. 2022.

INSTITUTO BRIDJE. **Davos 2020: como foi o principal evento do Fórum Econômico Mundial?** 2020. Politize!. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/davos-2020/>>. Acesso em: 22 nov. 2022.

LOBACCARO, Patrícia. **Ativismo Societário e Capitalismo Consciente**. 2020. Ecoa Uol. Disponível em: <<https://patricialobaccaro.blogosfera.uol.com.br/2020/02/09/ativismo-societario-e-capitalismo-consciente/>>. Acesso em: 01 dez. 2022.

MARQUES, Cláudio. **Empresas do setor de cosméticos lideram ranking de Responsabilidade ESG**. 2022. Valor Econômico. Disponível em: <<https://valor.globo.com/empresas/esg/noticia/2022/06/29/empresas-do-setor-de-cosmeticos-lidera-ranking-de-responsabilidade-esg.ghtml>>. Acesso em: 01 jul. 2022.

MMA – Ministério do Meio Ambiente. **Agenda 21 Global**. Disponível em: <<https://antigo.mma.gov.br/responsabilidade-socioambiental/agenda-21/agenda-21-global.html>>. Acesso em: 21 jan. 2022a.

MMA – Ministério do Meio Ambiente. **Acordo de Paris**. Disponível em: <<https://antigo.mma.gov.br/clima/convencao-das-nacoes-unidas/acordo-de-paris.html>>. Acesso em: 21 jan. 2022b.

MORETTO, C. F.; GIACCHINI, J. Do surgimento da teoria do desenvolvimento à concepção de sustentabilidade: velhos e novos enfoques rumo ao desenvolvimento sustentável. **Texto para discussão**, n. 06, 2006.

NATURA&CO (Brasil) (ed.). **Relatório anual Natura &Co 2021**. 2021. Disponível em: <https://api.mziq.com/mzfilemanager/v2/d/67c3b7d4-64ea-4c2f-b380-6596a2ac2fbf/8af17a31-2f9f-56d6-aaa2-5b297c97512d?origin=1>. Acesso em: 01 jul. 2022.

NEOWAY. **Carteira de Investimentos ESG: Oportunidades e desafios para instituições financeiras**. Disponível em: <https://image.conteudo.neoway.com.br/lib/fe3211717164057f711c74/m/2/e91fbf8e-8541-480b-94fb-d0b5f7c2fe58.pdf?_ga=2.160116285.1003028855.1656704237-1705433274.1656704237&_gac=1.60233823.1656704237.Cj0KCQjwvtvqVBhCVARIsAFUxKCQj_nE9JNnBTII3SERMSJNc9mB4AqbBvldOWrV5anPYcIJTc0SbQUcaAtqJEALw_wcw>. Acesso em: 30 jun. 2022.

ONU - ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Pacto Global: Rede Brasil**. Rede Brasil. Disponível em: <<https://www.pactoglobal.org.br/a-iniciativa>>. Acesso em: 21 nov. 2021.

ONU NEWS. **População mundial atinge 8 bilhões de pessoas**. 2022. Disponível em: <<https://news.un.org/pt/story/2022/11/1805342>>. Acesso em: 20 nov. 2022.

PALACIOS, L. The impact of ESG on national oil companies. **Center on Global Energy Policy**, 2021. Disponível em: <<https://www.energypolicy.columbia.edu/sites/default/files/file-uploads/NOC%20ESG%20commentary,%20designed%20v2,%202011.12.21.pdf>>. Acesso em: 26 jan.2022.

PALACIOS, L.; HON, X. W. Como a estrutura de investimento ESG se aplica às empresas nacionais de petróleo: Relatório do Workshop. **Center on Global Energy Policy**, 2021. Disponível em: <<https://www.energypolicy.columbia.edu/research/global-energy-dialogue/how-esg-investing-framework-applies-national-oil-companies-workshop-report>>. Acesso em: 26 jan.2022.

PEREIRA, R. *et al.* ESG: Uma visão integrativa. In: XXIII ENCONTRO INTERNACIONAL SOBRE GESTÃO EMPRESARIAL E MEIO AMBIENTE, 23., 2021, São Paulo. **Anais XXIII ENGEMA**. São Paulo: FEA/USP, 2021. p. 1-15. Disponível em: <<http://engemausp.submissao.com.br/23/anais/arquivos/12.pdf?v=1643151441>>. Acesso em: 22 jan. 2022.

PINTO, José Carlos. **Capítulo 1: Um novo conceito de capitalismo**. 2021. In: A nova face dos negócios – O impacto do ESG no ambiente empresarial, no consumo e nas finanças. Veja. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/insights-list/a-nova-face-dos-negocios-o-impacto-do-esg-no-ambiente-empresarial-no-consumo-e-nas-financas/#um-novo-conceito-de-capitalismo>>. Acesso em: 11 nov. 2021.

RANSOM, C. Council for Inclusive Capitalism: Greenwashing Dangers. **Seven Pillars Institute**. 2021. Disponível em: <<https://sevenpillarsinstitute.org/council-for-inclusive-capitalism-greenwashing-dangers/>>. Acesso em: 22 jan. 2022.

REDE BRASIL DO PACTO GLOBAL; STILINGUE. A evolução do ESG no Brasil. **Rede Brasil do Pacto Global**, [s. l.], Abril, 2021. Disponível em: <https://d3351uupugsy2.cloudfront.net/cms%2Ffiles%2F150560%2F1619627473Estudo_A_Evluo_do_ESG_no_Brasil.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2022.

REUTERS. Exame (ed.). **Como o desastre da Vale impulsionou os fundos ESG no Brasil**. 2020. Disponível em: <<https://exame.com/esg/como-o-desastre-da-vale-impulsionou-os-fundos-esg-no-brasil/>>. Acesso em: 22 nov. 2022.

SANTOS, G. B. **Transição Energética na Indústria de Óleo e Gás: um olhar sobre a Petrobras**. 2021. 74 f. TCC (Graduação) - Curso de Administração de Empresas, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/53900/53900.PDF>>. Acesso em: 21 jan. 2022.

SANTOS, G. C. V.; PAULA, I. M. A. **A relevância da construção da imagem e discurso corporativo de sustentabilidade enquanto vantagem competitiva de mercado**. Orientador: Daniel Reis Silva. 2021. 84 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Relações Públicas) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021. Disponível em: <<https://www.fafich.ufmg.br/relacoespublicas/wp-content/uploads/2021/11/TCC-Bella-e-Brad.pdf>>. Acesso em: 26 jan. 2022.

SIMÕES, L.; BURNIER, P. **Desmatamento, queimada e ESG: velhos desafios, novas oportunidades**. 2021. Nexo Políticas Públicas. Disponível em: <<https://pp.nexojornal.com.br/ponto-de-vista/2021/Desmatamento-queimada-e-ESG-velhos-desafios-novas-oportunidades>>. Acesso em: 22 nov. 2022.

SISTEMA B BRASIL. **Sobre o Movimento B**. Disponível em: <<https://www.sistemabbrasil.org/sobre>>. Acesso em: 05 ago. 2022.

STEFFEN, W. et al. The trajectory of the Anthropocene: the great acceleration. **The Anthropocene Review**, v. 2, n. 1, p. 81-98, 2015.

THE GLOBAL COMPACT. **Who Cares Wins: Connecting Financial Markets to a Changing World**. 2004. Disponível em: <https://www.ifc.org/wps/wcm/connect/de954acc-504f-4140-91dc-d46cf063b1ec/WhoCaresWins_2004.pdf?MOD=AJPERES&CACHEID=ROOTWORKSPACE-de954acc-504f-4140-91dc-d46cf063b1ec-jqeE.mD>. Acesso em: 22 jan. 2022.

TORRACO, Richard J. Writing integrative literature reviews: Using the past and present to explore the future. **Human resource development review**, v. 15, n. 4, p. 404-428, 2016.

TOTALENERGIES (ed.). **Sustainability & Climate 2022 Progress Report**. 2022. Disponível em: <https://totalenergies.com/sites/g/files/nytnzq121/files/documents/2022-05/Sustainability_Climate_2022_Progress_Report_accessible_version_EN.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2022.